

Artigo
Article

O poder das bolhas: a gaiola de ouro do Facebook

The power of bubbles: Facebook's golden cage

Thadeu de Sousa Brandão¹
Iara Mariana de Farias Nóbrega²

RESUMO: Este trabalho busca compreender o processo de produção e retroalimentação da violência simbólica através das bolhas da internet, mas especificamente na rede social *Facebook*. A problemática estudada pautou-se em uma perspectiva do campo interdisciplinar construída por meio do diálogo de diferentes saberes, perpassando entre a Sociologia e a Semiótica. Para embasar o problema em questão, apresentamos o conceito da violência simbólica tomando como eixo central a teoria desenvolvida por Bourdieu e Magnani, e como o fenômeno se expressa a partir da formação de mecanismos, como as conhecidas “bolhas na internet”. Ainda, para trazer evidência para esta discussão, usaremos como recorte de análise, a *fanpage* “Pragmatismo Político” www.facebook.com/PragmatismoPolitico com o objetivo de lançar um olhar mais atento ao fenômeno supracitado a partir das postagens com um viés político. Os resultados apontam que determinados verbetes potencializam a interação entre curtidas, comentários e compartilhamentos, consequentemente, ampliando a bolha e reproduzindo o discurso violento nela contida. **Palavras-chave:** Violência Simbólica, Facebook, Pragmatismo Político.

¹ Sociólogo, mestre e doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Professor Associado do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Ideologia, Cultura e Sociedade. E-mail: thadeu@ufersa.edu.br

² Jornalista e Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições pela UFERSA. Graduada em Administração e Comunicação Social. E-mail: nobrega_i@hotmail.com

ABSTRACT: This work seeks to understand the process of production and feedback of symbolic violence through the internet bubbles, but specifically on the social network Facebook. This problem was based on an interdisciplinary field perspective constructed through the dialogue of different knowledge disciplines, crossing between Sociology and Semiotics. To support the problem in question, we present the concept of symbolic violence based on the theory developed by Bourdieu and Magnani, and how the phenomenon is expressed through the formation of mechanisms, such as those known “Bubbles on the internet”. Also, to bring evidence to this discussion, we will use the page analysis of the fanpage “Political Pragmatism” www.facebook.com/PragmatismoPolitico in order to take a closer look at posts with a political bias. The results point to certain entries that enhance the interaction between likes, comments and consequently enlarge the bubble and so on reproduce the violent speech contained therein. **Keywords:** Symbolic Violence, Facebook, Pragmatismo Político Site.

INTRODUÇÃO

Na internet, bilhões de pessoas têm se conectado ao redor do mundo, consumindo informações cotidianamente. Virtualmente os usuários são levados para lugares que nunca imaginariam alcançar, eliminando as distâncias espaço-temporais, compartilhando e trocando ideias com milhares de pessoas, encurtando as relações interpessoais. Essas chamadas “mídias digitais” apresentam um ambiente fértil para a ampla disseminação de ideias, permitindo sua difusão em massa, em uma velocidade muito rápida, de forma tal que o processo de comunicação nesses espaços acontece de maneira instantânea.

O acesso a sítios de redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *LinkedIn*, *Pinterest* e *YouTube*, dentre outros, tem se tornando cada vez mais frequente na sociedade contemporânea. Das plataformas digitais mais acessadas, o *Facebook* é uma rede social em âmbito mundial que compartilha notícias multidiversificadas, interliga indivíduos e grupos e que pode causar impactos sociais, na cultura e inclusive interferir nas relações políticas. Quem de modo assíduo, faz uso das redes sociais como o *Facebook* pode constatar que o usuário além de ter a possibilidade de expressar sua opinião aparentemente de forma “livre”, seja através de publicação, compartilhamento ou comentário, também através dessas ações, proporciona a plataforma uma dimensão pública com alcance imensurável. É perceptível como o *Facebook* e os demais sites de interações sociais são espaços que apresentam uma dimensão tênue, onde os limites de posicionamentos pessoais parecem não se expressar materialmente aos usuários, ou seja, é possível produzir um discurso com teor violento, acreditando-se que não haverá risco de penalização.

Cumpra também apontar que sítios como o *Facebook* utilizam sistemas de algoritmos conhecidos como “filtro bolhas”³, fórmulas complexas que conseguem definir a relevância de uma pessoa para outra, pré-selecionando as postagens e fornecendo as preferências por tudo aquilo que supostamente o usuário escolheria, baseado no critério de suas interações. Esses filtros terminam por isolar as pessoas em bolhas de informação. Isto é, com a proliferação dos filtros bolhas a probabilidade de distorcer a realidade e fechar o indivíduo em uma bolha específica se exacerba em relação crenças pré-existentes, em vez de desafiá-las.

Isto posto, este trabalho tem o objetivo de compreender o processo de produção e retroalimentação da violência simbólica através das bolhas da internet, especificamente no Facebook. Para tanto, visando uma maior análise e aproximação fenomenológica pensa-se aqui o conceito de violência simbólica através da interlocução com Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2012; 1992; 1983). Ao mesmo tempo, contextualizamos o momento histórico inserido através de Zygmunt Bauman (2014; 2008; 2003; 2001) em sua percepção de modernidade líquida, assim como dialogamos com as teorias semióticas de Lorenzo Magnani (2011), reunindo na pesquisa as reflexões sobre esses conceitos.

Como recorte analítico escolhemos a página *Pragmatismo Político-PP*⁴ no Facebook, pela percepção de como essa se destacava ao fomentar e instigar debates entre os internautas⁵. Analisamos as curtidas, comentários, compartilhamentos e reações decorrentes das postagens, assim como o entendimento da produção e retroalimentação da violência simbólica nesse espaço. Foram selecionadas algumas publicações para determinarmos se verificamos a violência simbólica nas trocas conversacionais e suas implicações na produção/reprodução de discursos no ambiente online.

As postagens foram capturadas do final do mês de janeiro (28/01/2019) a meados do mês maio de 2019 (15/05/2019). Utilizamos a ferramenta *NETVIZZ*⁶ como

³ Filtro bolhas são o fenômeno dos algoritmos como os novos filtros do ciberespaço, mecanismos onipresentes e oniscientes que parecem saber sempre o que é melhor para cada um de nós quando estamos navegando: o código básico, no coração da nova Internet é muito simples. A partir das coisas que você parece gostar e por onde “navega” e as extrapola, tentando prever suas predileções de engajamento, etc. Assim, terminam por criar um universo único de informação para cada um de nós – o filtro bolha - que fundamentalmente altera a maneira com a qual nós encontramos ideias e informações, mas nos prendem dentro da mesma visão ou rede (PARISER, 2012).

⁴ Meio de comunicação Digital que atua em diversas plataformas na rede, Instagram, Twitter, Facebook e Youtube). Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/>. Acesso em: 01 mar. 2019.

⁵ Informações obtidas no site da plataforma pragmatismo político.

⁶ NETVIZZ (apps.facebook.com/netvizz) – Software desenvolvido pelo pesquisador Bernard Rieder, no contexto DMI- Digital Methods Initiative (Universidade de Amsterdam).

instrumento de categorização de dados, permitindo-nos uma extração de dados mais completa, englobando diversas vertentes e a captura de dados em formatos de arquivo diferentes, como perfil pessoal, páginas e grupos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análises de Dados - IBPAD, a ferramenta viabiliza a extração de conteúdo textual das postagens e comentários, e também dados referentes ao número de likes, comentários, compartilhamentos e reações”⁷.

Devido a quantidade imensa de postagens (mais de 600), optamos por estabelecer alguns critérios de inclusão: postagens que versam sobre conteúdo político referente a conjuntura atual no Brasil, relativos a temas sociais, como educação, recursos do fundo público, assim como notícias que envolveram algumas das figuras políticas mais conhecidas no Brasil (o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, por exemplo, ou o atual presidente Jair Messias Bolsonaro), dentre outras. Também utilizamos algumas postagens que foram publicadas no site em um curto espaço de tempo, por conseguinte, com intervalo de menos de vinte e quatro (24h) horas e que tiveram significativos compartilhamentos, curtidas e comentários. Em relação aos critérios de exclusão, todas as postagens que versam sobre conteúdo aleatório, como anúncio publicitário, matérias sobre entretenimento, curiosidade sem nenhuma relação direta com o objeto foram descartados. Postagens que foram publicadas em intervalo maior que vinte e quatro (24h) horas e que não alcançaram repercussão entre o público também foram desprezadas. Dito tudo isto, passemos agora a discussão das relações entre a violência simbólica e a formação das bolhas morais nesses espaços.

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E BOLHAS MORAIS

Pierre Bourdieu (1989, p. 07) aponta o poder simbólico como aquele que se avista em todos os espaços sociais e é ignorado pelos indivíduos. Se estabelece com um acordo tácito “daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Idem, p. 08). É o poder que ajuda a construir uma realidade. Ainda, os instrumentos de poder simbólico são fundamentalmente instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo, que se revelam por meio da comunicação, garantindo àqueles que os possuem a manutenção e o exercício do poder. Temos aqui “o poder de construção da

⁷ Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/>. Acesso em: 05 jun. 2018.

realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo, um conformismo lógico” (BOURDIEU, 2012, p. 09). Dessa forma, de poder simbólico se exerce conforme o seguinte processo:

(...) violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce, essencialmente, pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece, também, uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado de uma língua (ou de uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele (BOURDIEU, 2012, p. 07-08).

A violência simbólica, além de ser um produto das relações históricas de dominação nos espaços sociais, passa a residir também nos espaços on-line. Em consonância com Bourdieu, a violência, examinada por Slavoj Žižek (2008, p. 09), assume três formas de serem percebidas: a violência subjetiva (crime, terror), é a forma mais visível, e é facilmente percebida pelas pessoas; a violência objetiva (racismo, discurso do ódio, discriminação) já, menos evidente, mais própria da estrutura social; a violência simbólica na percepção cotidiana que ela se apresenta ou na sua forma mais simbólica ou de maneira mais sistêmica.

Os ambientes virtuais podem ser um ringue de luta de classes, onde se produzem e reproduzem os estigmas sociais que são reverberados no discurso. Para Bourdieu (1983) podem se construir neles (como em outros) um discurso cada vez mais carregado de um tipo de violência sistêmico-simbólica, entrelaçada nas relações de poder entre grupos sociais e que acaba por construir o que consideramos a nossa realidade social.

Os sítios das redes sociais como o *Facebook* são ferramentas que permitem a qualquer indivíduo ou organização social criar uma conta, permitindo o usuário construir um perfil em que pode escolher o modo de privacidade entre “pública” (aberta para qualquer pessoa visualizar o perfil) ou “privada” (restrito a quantidade de amigos que o usuário possui). As redes de contatos estabelecidas vão se articulando por meio de conexões e, dessa forma, a comunicação se constrói. Esses usuários apropriam-se do ambiente online para criar, interagir e expor sua opinião, tecendo comentários e

compartilhando informações sobre diversos assuntos, ao ponto de absorver e repassar determinados discursos com muita facilidade.

Segundo Recuero (2012) as redes sociais ganharam popularidade como espaços de convivência na vida das pessoas, impactando a forma que se constroem e se entendem os valores, e até mesmo como são estabelecidos significados e sentidos para a realidade. Por conseguinte, o processo de comunicação e os discursos encontraram novos contextos, que não só refletem as redes, mas influenciam sua construção e, conseqüentemente, os fluxos de informação que circulam nesses sites de relacionamento.

Bauman (2011) reflete sobre o fenômeno da internet e a possibilidade de um fluxo maior e mais rápido da informação:

[...] todos precisam ser, como diz a palavra da moda, “flexíveis”. Por isso, ansiamos por mais informações sobre o que ocorre e o que poderá ocorrer. Felizmente, dispomos hoje de algo que nossos pais nunca puderam imaginar: a internet e a web mundial, as “autoestradas de informação” que nos conectam de imediato, “em tempo real”, a todo e qualquer canto remoto do planeta, e tudo isso dentro de pequenos celulares ou *iPods* que carregamos conosco no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos (BAUMAN, 2011, p. 08).

Para Castells (2017, p. 21), as redes sociais digitais oferecem a possibilidade de produção social de significado, mediante ações por parte dos usuários que acontecem de forma amplamente desimpedida. Desta feita, a comunicação é socializada conforme a transformação tecnológica, possibilitando uma penetrabilidade dos meios de comunicação em toda as dimensões da vida social, em uma rede que é ao mesmo tempo global e local, genérica e personalizada, em um padrão de constante mudança (CASTELLS, 2017).

Segundo dados dos relatórios da *We Are Social e da Hootsuite* de 2018, mais de 4 bilhões de pessoas, o que corresponde a mais da metade da população mundial, está conectada à internet⁸. Dispositivos como *tablets* e aparelhos de smartphones, em resumo, meios tecnológicos inseridos em rede, provocam uma experiência mais instantânea, onde as redes sociais também crescem nesse cenário digital em que mais de 3 bilhões de pessoas em todo o mundo têm acesso a pelo menos uma rede social por meios dos dispositivos móveis. De acordo com o mesmo relatório, a rede social *Facebook* é ainda a

⁸ Relatório Digital Global 2018. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 25 abril 2018.

que domina o cenário social global, sendo utilizado por aproximadamente por 2,6 bilhões de pessoas no mundo, permitindo a disseminação diária de conteúdos e significados.

Dentro da perspectiva da formação das chamadas “bolhas” da internet, Magnani (MAGNANI, 2009, p. 54) vai apontar que, neste universo da rede mundial de computadores, avisos de alerta (uma ideia) são emitidos dentro dos espaços virtuais, onde as palavras são utilizadas como disparadores e nelas já vem inserido um discurso de violência simbólica. Assim, essas palavras são emitidas em uma velocidade imensurável e que não pode ser freada. Despertam no software alertas que vão mapear comportamento dos indivíduos em movimento de interação dentro das redes sociais.

A teoria desenvolvida por Magnani (2009) originou o mapeamento das bolhas comportamentais, evidenciadas pelo simbolismo da violência imbricado em algumas palavras-chave, como por exemplo: “lixo”, “demônio”, “morto”. Complementando, Eli Pariser (2012, p. 16) discute essa ideia em que o critério de seleção das próprias informações pelo usuário pode ser aparente:

(...) talvez pensemos ser os donos do nosso próprio destino, mas a personalização pode nos levar a uma espécie de determinismo informativo, no qual aquilo em que clicamos no passado determina o que veremos a seguir – uma história virtual que estamos fadados a repetir. E com isso ficamos presos numa versão estática, cada vez mais estreita de quem somos – uma repetição infundável de nós mesmos. (PARISER, 2012, p. 16).

Magnani (2009) ressalta que “a violência não está apenas nos interesses individualizados de violência física, mas no que diz respeito à linguagem - e em muitos aspectos de nossos ‘nichos cognitivos’ culturais, como por exemplo instituições e artefatos tecnológicos” (MAGANANI, 2009, p. 50). Existe um fio condutor entre a violência e a moralidade, onde esses discursos serão replicados e repassados rapidamente ao ponto de não ter como freá-los, e assim, carregam um atributo “violento” disfarçado de uma espécie de moralidade, sendo legitimado e aceito na sociedade.

Dentro dessa formatação contemporânea e contextualizando a respeito de “rede”, Bauman (2003) descreve:

(...) a palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se” a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma “conexão indesejável” é um

paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las (BAUMAN, 2003, p. 12).

Especificamente sobre o *Facebook*, Bauman (2011) sinaliza que relacionamentos são construídos e desfeitos muito rapidamente, em meio as duas ações/escolhas de possibilidades em fazer ou desfazer a amizade. O ato de conectar/e desconectar rapidamente é uma amostra da sociedade líquida. Essa facilidade em se desconectar, caracteriza um novo tipo de socialização, das construções dos laços. Agora, mais frágeis e efêmeros, a lógica de relacionamentos duradouros não existe mais, e as pessoas são descartadas e substituídas por outras muito facilmente.

Bloquear e excluir são atividades comuns em sites de relacionamentos virtuais, mas essas atividades não são tão fáceis de serem colocadas em prática no mundo off-line – fora da rede. Desfazer relações pressupõe encontrar-se face a face, dizer as razões da quebra da relação, e em contrapartida, ouvir do outro suas queixas, isso significa um risco e um desconforto desnecessário. Assim, podemos dizer que a facilidade em fazer as “amizades” e sobretudo desfazer essas “amizades” são atrativas em uma sociedade líquida onde os vínculos são fracos e voláteis, essencialmente.

A incerteza está sendo transportada para os relacionamentos, nesse contexto com o advento das novas tecnologias de socialização, a ideia de laços e vínculos são derretidas e os relacionamentos sólidos, duradouros e permanentes são substituídos pelo ato de conectar e desconectar. Bauman (2006) afirma que o medo é o nome que damos a nossa incerteza, nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la se estiver além do nosso alcance. Dentro do universo das redes sociais não é diferente, o medo norteia o comportamento do indivíduo nas plataformas digitais.

Na rede social Facebook, o que os usuários veem em seu mural (também chamado de “*time line*”, linha do tempo) é o resultado do que é definido ser de seu interesse e provoca uma maior interação dentro da bolha invisível. Esses mecanismos constroem suposições das preferências do usuário, personalizando as informações que segundo Pariser é o seu “universo pessoal” (PARISER, 2012, p. 14). Os filtros funcionam da seguinte maneira: os algoritmos fazem uma espécie de seleção de conteúdo com base em comportamentos anteriores do usuário. Quando o espectador adentra em uma busca nas plataformas digitais, ele está sendo vigiado pelo sistema de algoritmos, que coletam e

armazenam as informações em um banco de dados, e em seguida os sites oferece-lhes um conteúdo personalizado, descartando informações que não teriam interesse.

A personalização descrita por Pariser (2012, p. 48) atinge a maneira de percepção em relação ao mundo, e ela impede tudo aquilo que desafie o modo de pensar:

(...) quando esse modo de pensar é aplicado ao comportamento humano, pode ser perigoso, pela simples razão de que os nossos melhores momentos muitas vezes são os mais imprevisíveis. Uma vida inteiramente previsível não merece ser vivida. Mas a indução logarítmica pode levar a uma espécie de determinismo informático, no qual os nossos cliques passados decidem inteiramente o nosso futuro. Em outras palavras, se não apagarmos nossos históricos on-line, talvez estejamos fadados a repeti-los (Idem, p. 93).

Os filtros algoritmos manipulam os murais, e as escolhas das pessoas na rede estão dependendo de uma programação computacional, mantendo usuários inseridos em uma bolha invisível e fortalecendo uma espécie de previsibilidade das relações humanas. Logo, os algoritmos ajudam a agrupar as pessoas e selecionar conteúdo no mural dos usuários, favorecendo ao **embolhamento** ou formação de bolhas que se denominam de “bolhas de internet”. Mas ao mesmo tempo são os próprios usuários que são responsáveis em se fechar em suas próprias caixas de ideias.

Pierce argumenta que os seres humanos naturalmente desejam um estado de crença em oposição a incredulidade (CP 5. 371). No caso, todo indivíduo apresenta um alvo cognitivo, e somente a crença é capaz de satisfazê-lo (CP 5.372). O autor, no artigo “A fixação da crença”, de 1877, defende que a produção da crença tem como objetivo apaziguar a cognição irritada. E essa irritação é apontada como um fator emocional indispensável no processo de formação de crenças, dar-se-á sempre que precisamos saber-descobrir, a partir da consideração daquilo que já conhecemos, alguma outra coisa que desconhecemos (CP 5.372).

Ainda para Peirce (1877), “as nossas crenças guiam os nossos desejos e moldam as nossas ações” (CP 5.371). A crença estabelece sobre nós um sentimento de segurança, e satisfaz a cognição, já a dúvida “é um estado de desconforto e insatisfação do qual lutamos para nos libertar e passar ao estado da crença” (CP 5.374). Para a crença ser estabelecida a partir da irritação que foi iniciada, dentro desse processo existe um estágio de “luta”, que o autor chama de inquirição “que tem com objetivo o estabelecimento de uma opinião” (CP 5.375). Magnani (2011, p. 74) conclui que “a crença e o conhecimento não compartilham o mesmo status epistêmico”, para o autor a crença cognitivamente gasta

menos recursos do que o conhecimento, já que a mesma simula o “conhecimento” e oculta o erro.

Peirce (CP 5.377), em seus três métodos de análise semiótica (da tenacidade, da autoridade e do a-priori), percebe que o indivíduo não é desafiado, estando predisposto a ser “embolhado” no processo de formação das *Bolhas Morais*. Isso acontece devido a esses métodos promoverem uma satisfação, ao acalmar a irritação da dúvida e afastando tudo que venha a perturbar e provocar um estado indeciso na mente humana. Esse ponto de vista apresentado por Peirce permitiu uma abordagem exposta em *Cognitive Bubble*, sugerida por Woods (2005, p. 740), que serve para explicar a interação entre os agentes cognitivos, surgindo o conceito de “bolha epistêmica”. Segundo ele,

(...) a cognitive agent X occupies an epistemic bubble precisely when he is unable to command the distinction between his thinking that he knows P and his knowing (...) When in an epistemic bubble, cognitive agents always resolve the tension between their thinking that they know P and their knowing P in favour of knowing that. (WOODS, 2005, p. 740).

No artigo *Cognitive Bubbles and Firewalls: Epistemic Immunizations in Human Reasoning*, Magnani (2011), amplia esse conceito e afirma que a bolha epistêmica não se limita unicamente aos agentes individuais e isolados, mas as suas investigações aparecem nas interações sociais. Ele expande a ideia de “bolha epistêmica” para “bolha moral”. Pode-se afirmar que a utilização de argumentos violentos nas redes sociais, não é uma defesa do conteúdo das crenças questionadas, mas um método tenaz, de autoridade e costumes para trazer uma tranquilidade cognitiva. Nessa perspectiva conclui-se que a violência e a moral estão interligados. Dentro da bolha da internet, os atores sociais criam uma espécie de modelo de comportamento moral. Agem moralmente e assim realizam ações que são percebidas pelo emissor da mensagem e seus receptores dentro de uma determinada bolha X como um comportamento moral que devem ser reproduzidos pelos outros atores sociais (MAGNANI, 2009).

A bolha moral é desenhada nas redes sociais, e essa violência é desencadeada devido a auto imunização que o agente carrega dentro da bolha a qual está inserido, levando suas crenças como verdade absolutas. Dessa forma, as influências que as redes sociais operam sobre seus usuários, os constituem dentro de uma bolha em relação a um determinado conhecimento, estando presos em uma espécie de “embolhamento” em que o discurso agressivo e violento é consequência da falta de consciência carregado de um

aspecto enganoso. Vamos agora passar para o estudo de caso apontado em nossa introdução e compreender as relações entre a violência simbólica e as bolhas morais.

VIOLENCIA SIMBÓLICA E BOLHAS MORAIS NO DISCURSO NA PÁGINA *PRAGMATISMO POLÍTICO*

Na página *Pragmatismo Político*, as postagens têm majoritariamente um viés para notícias que integram a esfera político-social e apresentam uma certa independência ou autonomia editorial. O site foi criado em setembro de 2009 por Luis Ricardo Soares Cavalcanti, fundador e editor chefe. O site – como é corrente nesse tipo de atividade – passou a ocupar outros veículos de comunicação e redes sociais com o perfil “Pragmatismo Político (PP)”, entre eles o *Twitter*⁹ com 48,9 mil seguidores, o *Instagram*¹⁰ com 107 mil seguidores, o *Youtube*¹¹ com 152 inscritos. A página do PP do *Facebook* tem 1.092 378¹² de contas de usuários seguindo a *fanpage*. Outras páginas que o Pragmatismo Político “segue” ou se interliga são: Lula, Carta Capital, Agência Pública, Brasil de Fato, Revista Caros Amigos, Le Monde Diplomatique Brasil e Opera Mundi. Essas páginas estão dentro da esfera política ou notícia e se ligam ideologicamente ao espectro tido no Brasil como “esquerda”.



Figura 01. Perfil da página Pragmatismo Político no Facebook.
Fonte: Facebook/Pragmatismo Político.

⁹

Disponível

em:

https://twitter.com/Pragmatismo?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em: 15 maio. 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/pragmatismopolitico/?hl=pt-br>. Acesso em: 15 maio. 2019.

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCUeJFeGv_6l2wFw877xdUmw. Acesso em: 15 de maio. 2019.

¹² Disponível em: https://www.facebook.com/pg/PragmatismoPolitico/about/?ref=page_internal. Acesso em 15 maio de 2019.

A figura 01 apresenta o perfil da página, onde o internauta visualiza a proposta das publicações que a *fanpage* pode conter. No *Layout* inicial à página, vê-se a imagem que simboliza o nome da *fanpage* em tons preto e vermelho seguidos das letras “PP”, abreviando o termo Pragmatismo Político. Há uma alusão ao instrumento público que é o Palácio Nereu Ramos, popularmente conhecido como Palácio do Congresso Nacional em Brasília. Em seguida na foto de capa são mostradas imagens de pessoas que simbolizam uma representatividade militante política da esquerda em âmbito nacional ou internacional. Na parte esquerda inferior estão algumas redes sociais como Twitter e Instagram às quais são integradas à página do *Facebook*, e o usuário consegue acessar simultaneamente todas as redes disponíveis nos *links*. Essa interação fortalece a formação da bolha e a sua reprodução a medida que os usuários vão se engajando.



Figura 02. Postagem 01 a ser analisada:
“A blogueira que celebrou a morte de uma criança de 7 anos”.
Fonte: Pragmatismo Político.

Iniciando nossa análise das bolhas morais e da violência simbólica, o exemplo mais perceptível é visto através da figura 02, onde a manchete construída em cima de verbetes como “blogueira”, “comemora”, “morte”, “*prints* mais cruéis”, apresenta um jogo de signos que servem como gatilho e atraem o clique dos usuários e desperta um faroeste de opiniões dentro das redes. Em apenas 24 horas da postagem, a publicação teve 19 mil cliques e entre as reações utilizadas estão a “curtir”, “triste” e “nervoso”, dessa forma os usuários refletem suas emoções por meio dos botões de reações. Notamos que o post obteve 4,2 mil comentários e 25.386 mil compartilhamentos. Além das agressões simbólicas, parte significativa dos comentários da publicação da figura 02, pediram por nada menos do que o emprego de violência física: “essa vagabunda merece a morte”, disse um deles.



Figura 03. Postagem 02 a ser analisada:
“Bolsonaro chama professores e estudantes de “idiotas úteis” e “imbecis”.
Fonte: Pragmatismo Político.

Na Figura 03 a postagem analisada tem a seguinte manchete: “Bolsonaro chama professores e estudantes de ‘idiotas úteis’ e ‘imbecis’”. Como é a linguagem que delibera o que é violento (MAGNANI, 2011; BOURDIEU, 1989) as palavras “idiotas úteis” e “imbecis” nesse contexto criam parte da realidade, em que os atores sociais estão submetidos. Os termos servem como indutores da violência simbólica, já que é através da linguagem que a violência é legitimada.

A paralização nacional objetivava reivindicar o corte de 30% das verbas das universidades públicas, e a manifestação foi marcada por uma intensa participação social, com uma intensa cobertura midiática em quase tempo real. A matéria na íntegra do site Pragmatismo Político, traz:

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) chamou de “*idiotas úteis*” e “*massa de manobra*” manifestantes que organizam uma série de protestos contra os cortes do governo na educação básica e no ensino superior nesta quarta-feira, 15. O presidente classificou os protestos como algo “*natural*” e disse que “*a maioria ali (na manifestação) é militante*”. (...) “*Se você perguntar a fórmula da água, não sabe, não sabe nada. São uns idiotas úteis que estão sendo usados como massa de manobra de uma minoria espertalhona que compõe o núcleo das universidades federais*”, disse Bolsonaro ao chegar em Dallas, nos Estados Unidos. Ele foi recebido por apoiadores ao chegar no hotel onde se hospedará na cidade americana. (...) O presidente disse ainda que não gostaria que houvesse cortes na educação e disse que não teve saída. “*Na verdade, não existe corte, o que houve é um problema que a gente pegou o Brasil destruído economicamente, com baixa nas arrecadações, afetando a previsão de quem fez o orçamento e se não tiver esse contingenciamento eu simplesmente entro contra a lei de responsabilidade fiscal*”, afirmou o presidente. “*Mas eu gostaria que nada fosse contingenciado, em especial na educação*” (PRAGMATISMO POLÍTICO 15 DE MAIO DE 2019 p. [SN]).

A percepção do contexto nos leva a perceber que os signos dessas palavras carregam um certo teor violento que estão imbricados com sua moral e se fazem

presentes no senso comum das pessoas. Podemos ressaltar que a frase proferida por uma autoridade política reforça certo aspecto negativo dos professores e estudantes reproduzindo uma desvalorização social. Após 24 horas da publicação, a postagem já tinha os seguintes números: 1.200 reações, 398 comentários e 612 compartilhamentos. Essa apropriação feita pelos atores sociais, das ferramentas curtir, comentar e compartilhar, apresentam diferentes funções dentro do contexto que está inserido.

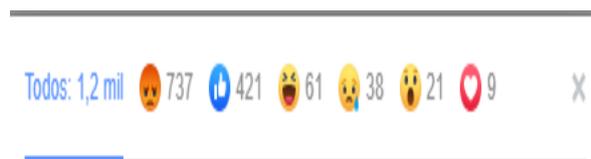


Figura 04. Total de reações da postagem Figura 02.
Fonte: Pragmatismo Político.

Na figura acima (04) temos o ícone da reação, onde os usuários têm figuras expressas em formato de um rosto para referir-se as possíveis emoções que os internautas poderiam transmitir. Dentre essas representações, algumas podem simbolizar sentimentos como raiva/irritação, felicidade/alegria, apreciação/satisfação, tristeza/decepção ou surpresa/espanto. Os ícones, podem ser caracterizados por botões com as seguintes siglas: “grr”, “curtir”, “haha”, “triste”, “uau”. “Grr” obteve 737 curtidas, o botão “curtir” foi curtido 421 vezes, o botão “haha” correspondeu a 61 usuários que clicaram, o botão “triste” a 38 reações, o botão “uau” a 21, e o botão “amei” com 09 cliques de usuários. Como foi dito, anteriormente, os botões das reações exercem basicamente a função de legitimar o post publicado pela página, fortalecendo a postagem e aumentando o engajamento da página.

Recordemos que, para Magnani (2011), a percepção moral tipicamente tem a ver como a pessoa sente/pensa/julga que como todas as pessoas deve ser/comportar. O indivíduo acredita que está certo e passa a se comportar e a exigir que os outros aceitem e sigam seu modo de pensar. No caso o próprio *Facebook* facilita que as pessoas que pensam semelhante se agrupem no mesmo espaço, ou seja, na mesma bolha. Neste caso, os ícones de reação realçam o que Magnani (2011) elenca como *bolhas morais*, as quais obedecem a um tipo de consistência ética - mesmo que contingente: onde, moralmente falando, “inconsistente” uma pessoa acaba em uma bolha moral, de modo que a inconsistência em si não é realmente “percebida”.

A página Pragmatismo Político tem um viés político ideológico mais de “centro esquerda”, assim, as bolhas que são formadas dentro dessa página são predispostas a fortalecer um discurso dito com maior probabilidade para o seu espectro ideológico. A seguir vejamos como as ferramentas utilizadas pelo *Facebook* podem apontar como o processo de fortalecimento das bolhas acontece:



Figura 05. Ferramenta disponível pelo Facebook como três opções para os usuários escolher qual o critério utilizar para visualização dos comentários.
Fonte: Pragmatismo Político.

Na figura 05 temos uma ferramenta disponível pelo *Facebook* que indica uma possível predisposição para fortalecimento das bolhas (comentários mais relevantes), já que existe uma interação entre os comentários mais relevantes com os “amigos” do perfil.

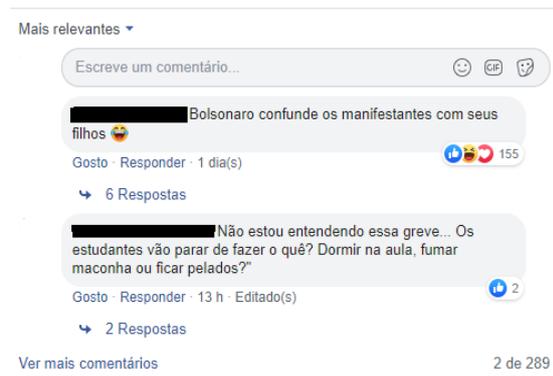


Figura 06. Comentários mais relevantes, critérios adotados pelo próprio Facebook.
Fonte: Pragmatismo Político.

No primeiro comentário mais relevante “Bolsonaro confunde os manifestantes com os seus filhos” existe na linguagem elementos irônicos e de humor na construção da representação. Para Magnani (2011) a natureza violenta da linguagem é uma ferramenta e essa violência estrutural invisível - muitas vezes vem disfarçada como um conjunto gentil de formas de fala - que a distribui e passa despercebidamente até se naturalizar.

Existe uma percepção no segundo comentário em que o internauta utiliza indagações irônicas, relacionando a greve a supostos comportamentos estudantis, que desqualificam tanto a organização do movimento, como a organização estudantil. Neste caso os estudantes são estereotipados com usuários de drogas, pessoas preguiçosas e/ou libertinos.

Todos: 155  119  25  11

Figura 07. Total de reações da postagem da Figura 03.
Fonte: Pragmatismo Político.

Por meio dos botões de reações os usuários podem interagir na publicação. Dos seis ícones de reações, três foram escolhidos pelos usuários. O símbolo *curtir* aparece 119 vezes, e esse ícone não expressa nenhuma forte reação da emoção do usuário com a publicação, o *like* ao ser escolhido pelo usuário, o mesmo está descarregando uma certa legitimação e apoio a publicação.

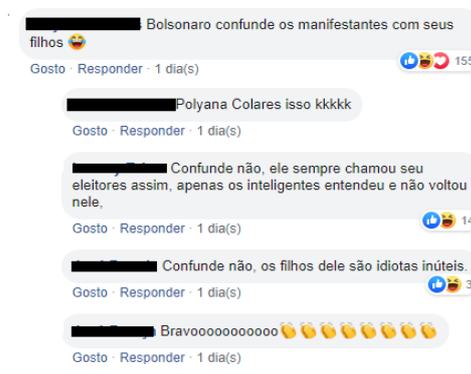


Figura 3. Primeiro comentário mais relevante, critérios adotados pelo próprio Facebook.
Fonte: Pragmatismo Político.

Na figura acima a frase carregada de palavras agressivas e humilhantes para caracterizar os estudantes e professores são reutilizadas pelos internautas, mas com o caráter de redirecionamento aos eleitores e aos filhos do Bolsonaro. Assim, as expressões são ressignificadas e demonstram através das atitudes dos internautas que os políticos são tratados com descrédito, e que a situação ao invés de suscitar fortes reflexões, torna-se motivo de piada e escárnio. Assim, a conversa desenvolvida dentro do post é legitimada pelo riso, crítica e aplauso.

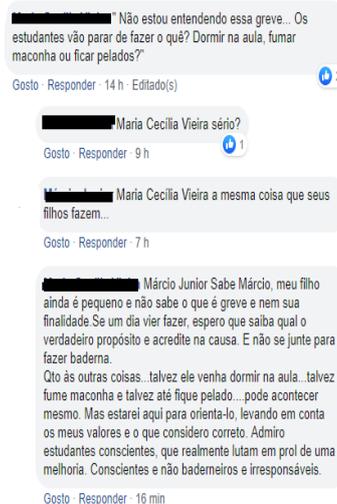


Figura 09. Segundo comentários mais relevantes, critérios adotados pelo próprio Facebook.
Fonte: Pragmatismo Político.

Percebemos aí uma construção de elaborações sociais que perpassam pela criminalização e desqualificação em relação a identidade estudantil e a universidade, evidenciando a forma como os alunos são vistos por determinados grupos sociais. Para Bourdieu (1989) toda enunciação prende por si compondo de poder simbólico. Assim, os pronunciamentos do presidente contêm símbolos capazes de transformar e ou influenciar uma certa visão de mundo sobre determinado assunto. A reprodução da violência simbólica vai se desenvolvendo no espaço virtual, destacando os processos da formação sóciohistórica do Brasil, que é perpassada pela criação dos chamados provérbios populares, em que as pessoas elaboram e os reproduzem nos espaços sociais, conforme a próxima figura:

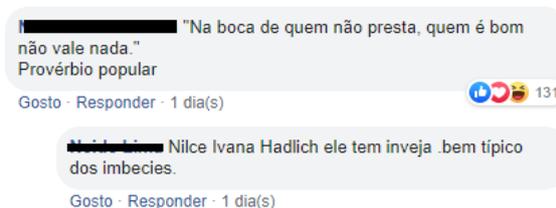


Figura 10. Comentário referente a publicação da figura 03.
Fonte: Pragmatismo Político.

Este comentário teve 131 reações entre “curtir”, “haha” e “amei”, mostrando que todos esses usuários concordam com o provérbio popular, legitimando o discurso. E ainda em:

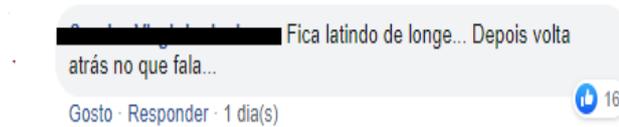


Figura 11. Comentário referente a publicação da Figura 03.
Fonte: Pragmatismo Político.

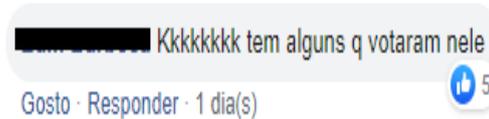


Figura 12. Comentário referente a publicação da Figura 03.
Fonte: Pragmatismo Político.

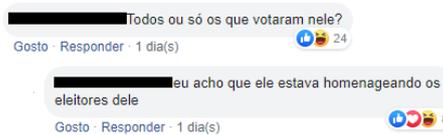


Figura 13. Comentário referente a publicação da figura 03.
Fonte: Pragmatismo Político.

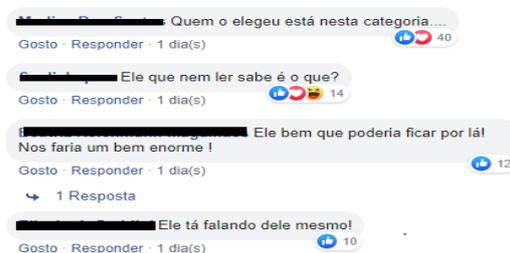


Figura 14. Comentário referente a publicação da Figura 03.
Fonte: Pragmatismo Político.

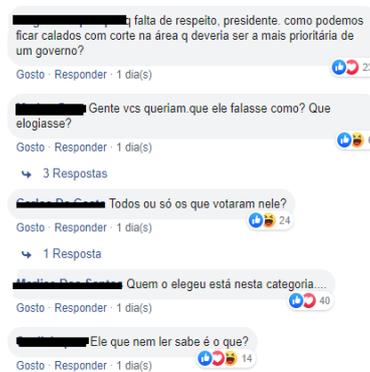


Figura 15. Comentário referente a publicação da figura 04.
Fonte: Pragmatismo Político.

Nas figuras de 08 a 15 percebemos que os comentários reforçam e legitimam a figura do presidente e seus eleitores por meio de repetições e risadas. Para Bourdieu, toda relação de “comunicação não é uma simples relação de comunicação, é também uma relação econômica onde o valor de quem fala está em jogo: ele falou bem ou não? É brilhante ou, não é? (...)” (BOURDIEU, 1983, p. 78). Nos comentários expostos, a manifestação linguística é uma ação simbólica em constante circulação de troca, onde o que está em jogo é a legitimação, atrelado a uma relação de dominação entre o presidente e os manifestantes.



Figura 16. Postagem 03 a ser analisada.
Publicada 01 hora depois da postagem da Figura 03.
Fonte: Pragmatismo Político.

Todos: 550 🍊 445 ❤️ 79 😂 22 😱 4

Figura 17. Números de reações do post da Figura 16.
Fonte: Pragmatismo Político.

Nesta postagem a técnica empregada não utiliza do que Magnani (2011) atribui como um disparador, que é um termo ou palavra que chama a atenção do usuário e o direciona para publicação. O disparador é como um ímã que atrai usuários para autenticar aquela mensagem. Nesse caso, a postagem apresenta uma característica muito mais informativa. Nesta publicação observamos que a soma dos comentários, compartilhamentos e *likes* é inferior ao número de *likes* da publicação da figura 04. Em relação a figura 17, percebe-se que garantiu 550 reações e somente 22 expressaram “haha”, mostrando uma apropriação da linguagem das redes sociais, expressões faciais de riso e 04 de espantos.



Figura 18. Postagem 4 publicada 1h 20 minutos depois daquela da figura 05, e 20 minutos da postagem da figura 15.
Fonte: Pragmatismo Político.

Todos: 959 807 142 9 1

Figura 19. Números de reações do post da Figura 17.
Fonte: Pragmatismo Político.

Na postagem da figura 18, o sentido do termo “na luta” serve também como disparador da publicação. Fica evidenciado aqui o que Peirce (2008), e também Magnani (2011), ao reforçarem que os signos incluem sentimentos, imagens, conceitos e outras representações, consideram como “aspectos baseados em modelos de cognição humana [que] são centrais e constituem um fenômeno significativo - grávido - manifestação de todos os organismos” (MAGNANI, 2011, p. 43). Em um intervalo de vinte minutos da postagem da figura 16 para a figura 18 podemos observar que o engajamento da publicação da figura 18 foi muito superior do que a outra citada.



Figura 20. Postagem 05 a ser analisada.
Fonte: Pragmatismo Político.

Vê-se que a postagem apresenta uma carga enfática na expressão “tirem as mãos da educação” construído em torno do enunciado da publicação e reforçado pelo uso da linguagem não verbal.



Figura 21. Continuação da postagem da Figura 20.
Fonte: Pragmatismo Político.

Todos: 5,6 mil  4,3 mil  1,2 mil  95  21  3

Figura 22. Números de reações da postagem da Figura 20.
Fonte: Pragmatismo Político.

Nesse sentido, observa-se que as figuras 18 e 21 mostram os números de curtidas, compartilhamentos e comentários do post. Em menos de 24 horas, a postagem continha 5,6 mil curtidas, 347 comentários e 2,3 mil compartilhamentos. Como já foi explicado o capital social da página Pragmatismo Político fortalece a medida que a publicação vai se popularizando dentro do espaço virtual e o discurso que ele carrega é autenticado a cada comentário, que pode legitimar a violência simbólica através das representações sociais.



Figura 23. Postagem 06 a ser analisada.
Fonte: Pragmatismo Político.



Figura 24. Continuação da postagem 06 a ser analisada.
Fonte: Pragmatismo Político.

Todos: 7,8 mil 🇺🇦 6,1 mil 🇧🇷 1,5 mil 😂 94 🤔 35 🙄 2 🤨 1

Figura 24. Números de reações da postagem da figura 22.
Fonte: Pragmatismo Político.

A publicação da figura 23 recebeu 7,8 mil curtidas, 552 comentários, e 3 mil compartilhamentos. A maioria dos comentários ressaltam a luta pela educação, reconhecendo a universidade como local de construção do conhecimento, comprometido com o avanço da ciência.

Podemos inferir que esse tipo de página virtual de internet consegue construir, aglutinar e reproduzir de forma eficiente certo discurso violento simbolicamente, focado em uma bolha, trazendo à baila no cotidiano de seus milhares de seguidores a amplificação de suas certezas no que se referem aos seus valores e visões de mundo. Neste sentido, longe de construir uma reflexão nova ou fora de suas crenças, estas são na verdade reforçadas, com a possibilidade de poderem extravasar suas opiniões de forma violenta e agressiva.

Retomando os efeitos da Modernidade nas interações sociais, podemos inferir, com base nas observações coletadas ao longo de nosso estudo de caso, que as inibições morais parecem não atuar à distância da mesma forma que atuam na proximidade, na sociabilidade frente a frente. Fica, ao contrário, mais fácil cometer atos de violência – principalmente as simbólicas – quando não se pode visualizar ou mesmo compreender que o outro não está mais a sua frente. Assim,

(...) essa responsabilidade existencial, o único significado de subjetividade de ser um sujeito, não tem nada a ver com obrigação contratual. Não tem nada em comum também com o cálculo que eu possa fazer de benefícios mútuos. Não requer uma firme ou vã expectativa de reciprocidade, de 'intenções mútuas', de recompensa do outro à minha responsabilidade por ele. Não estou assumindo minha responsabilidade por ordem de uma força superior, seja um código legal sancionado com a ameaça de prisão (BAUMAN, 1998, p. 212).

Ou seja, a moralidade é a estrutura primária da relação intersubjetiva na sua forma mais cristalina, onde a sua substância principal é a interação face a face, que permite assumir um dever em relação ao outro. Seja através da distância social permitida pela burocracia ou pela internet, uma vez configurada, os freios e contrapesos morais se esvaem. Uma vez que a proximidade se esvai, a moralidade com ela também se enfraquece

e é substituída pelo ressentimento, pela raiva e pela desumanização do outro. É nesse escopo que a violência simbólica nas redes sociais toma seu corpo e se torna real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos como os espaços de redes sociais têm se tornado um ambiente em que a violência simbólica é evidenciada e o seu processo de produção e reprodução é construído, por meio das publicações. Procuramos explorar a violência simbólica em meio as ferramentas disponíveis no *Facebook* “curtir”, “comentar” e “compartilhar”, discutindo os efeitos na produção e reprodução da violência.

Feita a seleção de publicações contidas na rede social *Facebook* pode-se perceber as bolhas morais presentes. Observamos que existem palavras, termos ou verbetes que servem de disparadores das postagens, e dessa forma o número de curtidas, comentários e compartilhamentos são potencializadores da violência simbólica reproduzida por meio das ferramentas que o próprio *Facebook* dispõe.

Como mostrado, o sistema de algoritmo aproxima os usuários que pensam semelhantes, permitindo assim uma descarga da mesma ideia naquele espaço, dessa forma a violência é naturalizada nas redes sociais e sua invisibilidade torna-se cada vez mais constante. Foi possível inferir que a legitimação da violência se deu com maior facilidade nos espaços das redes sociais virtuais.

O discurso de violência e ódio que as redes sociais da internet permitem reelaborar e transmitir são reforçados por uma verdadeira “cegueira moral” em relação ao “outro”, na medida em que as telas de smartphones e computadores escondem a dimensão face a face da interação e distanciam as pessoas dos efeitos de seus discursos.

A linguagem carrega parte do que Bourdieu chama de “violência simbólica”, onde uma exploração cotidiana, suave e oculta é a forma tomada pela exploração do homem que, mesmo no discurso de boas intenções, pode existir uma intenção maléfica em oculto. A página **Pragmatismo Político** forma “bolhas morais” de propagação da violência quando para aumentar o seu capital social permite comentários e postagens que são em si discurso violentos. Num ambiente de Modernidade Líquida, como apontou Bauman, a opacidade relacional e o desacoplamento/desengajamento em que os indivíduos são imersos, permitem o reforço da referida “cegueira moral”. Mergulhados em bolhas construídas por suas escolhas valorativas, políticas e morais, os indivíduos se veem como

atores que estão com a verdade e esta é reforçada pelo discurso reproduzido cotidianamente na bolha.

Longe de ser algo construído de forma aleatória, páginas como a estudada tem seus conteúdos planejados e focados para fomentar certos valores e princípios morais e éticos de seus seguidores. Fomentados de forma calculadas e replicadas, os conteúdos e discursos dessas páginas terminam por reproduzir uma infinidade de violências simbólicas.

Nossa pesquisa também permitiu mostrar que, seguindo também a trilha apontada por Magnani, a percepção de que a violência está nos nichos cognitivos culturais, onde há um verdadeiro fio condutor entre violência e a moralidade, naquilo que Bauman acertadamente chamou de “cegueira moral”. Isto posto, os discursos são replicados e repassados rapidamente ao ponto de não haver mais como freá-los, e assim, terminam por carregar e reproduzir um atributo “violento” disfarçado de uma espécie de moralidade, sendo legitimado e aceito na sociedade.

Em suma, como apontamos no início deste trabalho, podemos concluir provisoriamente que a violência não está apenas instâncias individualizadas de violência física, mas no que diz respeito à linguagem - e em muitos aspectos de nossos “nichos cognitivos” culturais, como por exemplo instituições e artefatos tecnológicos. Assim, a reprodução de uma verdadeira cegueira moral é fortalecida nesses espaços de reprodução simbólica, pela sua possibilidade de permitir certo distanciamento cognitivo e afetivo, assim como pela noção de que não há punibilidade penal ou civil no âmbito da “opinião” ou da internet.

Ao final, podemos dizer, que assim como a racionalidade ocidental e a burocracia organizacional permitiram um distanciamento moral das ações (meios/fins) no processo de sociabilidade humana, a internet também permite um distanciamento moral, embora sem a devida racionalidade instrumental por parte dos atores sociais nela envolvidas. Cabem, aos pesquisadores futuros, apontar qual a singularidade (ou não) dessa “irracionalidade” disruptiva e violenta e, ao mesmo tempo, se ela é realmente irracional ou se apenas utiliza a agressividade social latente como meio para determinados fins políticos.

Ao olhar distanciadamente o outro por trás de sua tela de computador ou de smartphone, o sujeito perpetrador da violência simbólica deixa de lado todos os freios e contrapesos morais que um dia puderam (se isso realmente ocorreu) o outro como

alguém passível de humanidade. Longe de humano, este outro é o inimigo a ser humilhado, por não mais participar da mesma condição que a dele. A importância da indiferença moral é particularmente perigosa em nossa sociedade moderna e tecnológica, principalmente dada ao distanciamento cada vez maior da sociabilidade que a internet e as redes sociais propiciam. Ao agir violentamente contra o outro na internet e, ao mesmo tempo, não se perceber mais os efeitos dessa violência porque simplesmente a distância não permite, abre-se caminho para uma cegueira moral só comparada àquela que gestou o Holocausto e os grandes genocídios de nossa História.

Essa cegueira moral é a mesma banalidade moral e, por sua vez, a base da “Banalidade do Mal”, pois se assentam sob as mesmas condições que permitiram o maior dos crimes do século XX: tecnologia, distância social, racionalidade instrumental e desumanização do algoz. Estamos abrindo caminho para uma nova “Auschwitz” do futuro? É uma questão em aberto.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BOURDIEU, Pierre Félix. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1983.

BOURDIEU, Pierre Félix. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2017.

MAGNANI, Lorenzo, and Tommaso Bertolotti. "**Cognitive bubbles and firewalls: Epistemic immunizations in human reasoning.**" Proceedings of the Cognitive Science Society. Vol. 33. No. 33. 2009.

MAGNANI, Lorenzo, and Tommaso Bertolotti. **Understanding Violence.** Dordrecht: Springer, 2011.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Zahar, 2012.

PEIRCE, Charles S. **Ilustrações da Lógica da Ciência.** São Paulo, Ed. Letras e ideias, 2008.

PEIRCE, Charles S. **Evolutionary Love.** Disponível em:
<http://www.iupui.edu/~arisbe/menu/library/bycsp/evolove/evolove.htm>. Acesso em 15 mai. 2018.

PEIRCE, Charles S. **A fixação da crença.** Disponível em:
https://translate.googleusercontent.com/translate_c?depth=1&hl=ptBR&prev=search&rurl=translate.google.com.br&sl=en&sp=nmt4&u=http://www.iupui.edu/~arisbe/menu/library/bycsp/fixation/fixframe.htm&usg=ALkJrhi5Vsgd2nVQHDhFrThgXcXWnNrZYw. Acesso em 16 mai 2018.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Communities in Social Networks: A Case Study of Brazilian Fotologs1.** 2012.

WOODS, John. Epistemic Bubbles. In: **We Will Show Them!**. p. 731-774. 2005.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violence: Six Sideways Reflections.** London, Profile Book, 2008.